

O compromisso com a realidade humana no canto litúrgico-pastoral: uma luz desde Medellín e Puebla

*Deivid Rodrigo dos Santos Tavares*¹

Resumo: A comunicação tem como objetivo apresentar o compromisso com a realidade humana por meio do canto litúrgico-pastoral à luz do que foram as conferências de Medellín e de Puebla, como resgate dessa luta em favor dos pobres e menos favorecidos. A realidade humana passa, de fato, pelo sentir e entender a realidade. O canto expressa a vida do povo, seus sentimentos e suas ações e é na liturgia que se encontra a experiência primordial do Cristo que se fez homem e habitou na humanidade. O canto litúrgico-pastoral de tempos idos tinha essa tarefa de expressar a realidade humana vivida no cerne das comunidades eclesiais que por sua vez cantavam suas realidades conhecidas como clamores daqueles que marcham à terra prometida. Cantar o mistério celebrado é cantar também a realidade do povo, seus anseios por liberdade, sua luta pela justiça e pela esperança de uma Igreja que opta pelos pobres. Tanto em Medellín quanto em Puebla, a Igreja da América Latina teve como metas voltar o olhar para os pobres por meio de um Deus presente e vivo em Jesus Cristo libertador que caminha com o seu povo. Cantar a liturgia é, sem sombra de dúvidas, cantar o mistério salvífico de Cristo na realidade humana do povo latino-americano. Um Deus que é cantado e vivenciado na música e nos ritos de uma Igreja que é toda ministerial. Nesse sentido, os caminhos de pastoralidade, hoje, no compromisso com a realidade humana, deve também ser expressada no canto que se entoa nas comunidades, que sente e apreende como tocante a ação litúrgica. Os cantos nascidos após essas conferências enfatizaram além do mistério celebrado a utopia de um povo que, mesmo cansado, luta e caminha pelo desejo de superar as divisões e lutar pelo direito e a justiça. Cantar o mistério celebrado hoje deve ser também o cantar a vida em sintonia com a ação litúrgica e com as realidades latentes da atualidade, ou seja, uma Igreja que canta unida a sua fé e o seu compromisso com a humanidade; um canto que favoreça o sentir da realidade por meio da racionalidade da letra imbuída da música que embala esse refletir o compromisso com a realidade humana inspirados na Igreja latino-americana de Medellín e Puebla.

Palavras-chaves: realidade humana, pobres, Medellín, Puebla, liturgia.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos nas Conferências do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, que impulsionaram o lado profético e pastoral da Igreja na América Latina, sem dúvida nossa mente logo se direciona para Medellín (1968) e Puebla (1979). Essas duas conferências souberam refletir e definir o plano de evangelização da Igreja latino-americana à luz da realidade humana vivida por esses povos. Bebendo nas fontes do Concílio Vaticano II, emerge o espírito transformador nos diversos campos pastorais da Igreja, sobretudo na liturgia (cf. Med. 9,1), como desejo renovador e relacional de Deus com os homens, em uma Igreja santa e necessitada de purificação, que vive na esperança (cf. Med. 9,2)

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em Teologia, com concentração em Liturgia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP (PUC-SP). E-mail: deivid@paulus.com.br

No momento atual da América Latina, como em todos os tempos, a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção, precisamente porque toda a criação está envolvida pelo desígnio salvador que abrange a totalidade do homem (Med. 9,4).

A ação litúrgica na realidade humana é um compromisso com a caridade, um esforço cotidiano de sentir, assim como Jesus, uma constante mudança de vida (cf. Med. 9,3).

Nisto consiste o “mistério” da Igreja: é uma realidade humana, formada por homens limitados e pobres, mas penetrada pela insondável presença e força do Deus Trino que nela resplandece, convoca e salva (DP 230).

Puebla reforça o que diz Medellín e reafirma a importância de formar uma comunidade mais viva, consciente de sua existência e comprometida com as necessidades do povo (cf. DP 364).

1 MEDELLÍN E PUEBLA E SUA REALIDADE HUMANA

A América Latina vivia um período de emergente crescimento sociocultural, influenciando toda sociedade: homens, mulheres e até a religião (cf. Med. Int. 1). A grande riqueza alcançada pela Conferência de Medellín e, posteriormente, por Puebla, foi o olhar direcionado para o pobre, reconhecendo, por meio destes, Deus: um Deus libertador e vivo, como bem expressa os documentos conclusivos de ambas:

Assim sendo, não se acha “desviada”, mas “voltou-se para” o homem, consciente de que “para conhecer Deus é necessário conhecer o homem”. Pois Cristo é aquele em quem se manifesta o mistério do homem; procurou a Igreja compreender este momento histórico do homem latino-americano à Luz da Palavra, que é Cristo. Procurou ser iluminada por esta palavra para tomar consciência mais profunda do serviço que lhe incumbe prestar neste momento (Med. Int. 1).

Nas pequenas comunidades, mormente nas mais bem constituídas, cresce a experiência de novas relações interpessoais na fé, o aprofundamento da palavra de Deus, a participação na eucaristia, a comunhão com os pastores da Igreja particular e um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes em que se vive. (DP. 640).

Medellín e Puebla acontecem em uma realidade de transformações econômicas e sociais, em uma América Latina mergulhada na gritante pobreza e miséria em que os pobres, os

menos favorecidos, pedem socorro. Nesse cenário, o pulsante e contínuo grito de libertação é ecoado de todos os cantos do continente marcado pelo sofrimento decorrente do período ditatorial e das desigualdades sociais.

A Igreja latino-americana, nesse sentido, experimentou a sofrida realidade humana do povo, marcada pelas injustiças sociais, a exploração e até a morte. Infelizmente, diante de tal situação, a Igreja, em certos momentos de sua história, deixou de ser profética, aliando-se a estruturas deprimentes e aproveitadoras, perdendo, de fato, a verdadeira imagem de povo de Deus. Esse partidarismo tendencioso, de uma parcela da Igreja, causou desconforto entre as pessoas, principalmente entre os pobres que buscavam nela esperança de libertação, chegando até nós “[...] as queixas de que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos” (cf. PADIN; GUTIERREZ; CATÃO, 1998, p.195).

O evento Medellín aconteceu como uma releitura do Concílio Vaticano II para a América Latina (cf. BRIGUENTI; PASSOS, 2018, p. 151), com a perspectiva evangelizadora de uma Igreja voltada para os pobres em busca de libertação (cf. DP 4). A Conferência partiu da situação real do povo, abordando temas como a paz, a justiça, a família, a educação etc. Frente à triste realidade de injustiça e pobreza que assolava o povo latino-americano, os bispos conferencistas deram-se conta de que Medellín devia ser uma interpretação do Vaticano II, com um olhar direcionado à realidade existencial do pobre.

Segundo Maria Clara Lucchetti Bingemer (2018), em Medellín, a Igreja latino-americana começa a criar sua própria identidade, abandonando um reflexo europeu e apreendendo sua realidade eclesial. Bingemer (2018) afirma:

Em Medellín, a Igreja latino-americana cessava de autocompreender-se como reflexo da Europa. Mas assumia sua vocação e seu destino de ser fonte de um novo modelo eclesial. E para isso voltava seus olhos para a realidade conflitiva e oprimida de seus povos. “O Episcopado Latino-Americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantém a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza em que muitos casos chega a ser miséria humana” (BINGEMER, 2018, p. 151).

Justiça e liberdade era o crivo que marcava a realidade humana do povo latino-americano. A Conferência de Medellín conseguiu captar essa situação, promovendo um despertar na marcha pela libertação. Não obstante os desafios vividos, a Igreja não separava a fé da justiça (cf. BINGEMER BRIGUENTI; PASSOS, 2018, p. 151), mas buscava configurar as novas situações a uma autêntica vivência do Evangelho. Essas configurações foram nascendo da realidade sentida e apreendida do meio do povo: *um Evangelho mais inserido na experiência do pobre e do marginalizado da sociedade* (grifo nosso). Medellín também protagonizou a atuação do leigo, a voz atuante e inserida nas periferias existenciais do povo latino-americano, que absorviam profundamente a Palavra de Deus e a traduziam de maneira simples e marcante com a vida. Puebla sequencia as mesmas situações vividas pela realidade humana

da Conferência de Medellín (cf. DP. 88), porém, demonstra ainda mais forte e arrebatado no clamor pela justiça social e pela liberdade (cf. DP 89). O que inspira a Conferência de Puebla é a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandii*, numa busca pela dignidade humana e libertação dos pobres. Esta exortação marca um olhar da Igreja para a realidade do mundo contemporâneo, principalmente no que diz respeito à evangelização.

Os resultados destas Conferências, portanto, foram logo amadurecendo e dando mais sabor à Igreja com o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, como nova forma de ser Igreja no mundo (cf. BUYST, 2012, p. 29).

Como consequência dos resultados obtidos em Medellín, as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) protagonizaram na Igreja o sinal do Cristo pobre no meio dos pobres, favorecendo um deleitar-se por todos da Palavra de Deus, de forma simples e popular, expressado de diversas formas, inclusive no canto e na música. O discurso da fé e da justiça, nascidos de Medellín e de Puebla, abriram os olhos da sociedade latino-americana tão impregnada de injustiças, de pobreza desumana e de violência, para voltar seu olhar rumo aos destinatários do Reino de Deus: os pobres (cf. BUYST, 2012, p 26). Pode-se dizer que, em Medellín, a Igreja da América Latina abriu suas portas e janelas para sentir e, ao mesmo tempo, apreender a realidade sofrida e abandonada dos pobres. Um meio de expressar essa realidade surge por meio do canto litúrgico, o qual abordaremos a seguir.

2 O CANTO LITÚRGICO

O canto litúrgico tem por finalidade expressar de maneira melódica e inteligível a realidade do mistério celebrado, estando também ligada à realidade do ser humano, como corpo eclesial vivo e partícipe do memorial salvífico de Cristo. Sendo assim, a liturgia ganha também seu espaço privilegiado no novo olhar da Igreja para o mundo, como apresenta a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia ao afirmar que “a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana a sua força” (SC 10).

Com o crescimento das CEBs e o surgimento da Teologia da Libertação, o canto litúrgico passa a ter uma expressão mais contida na realidade do povo. Canto e música embalados com ritmos e utopias de uma Igreja que se inclina para olhar o pobre, despertando em seu coração o desejo de libertação. A música é um entre tantos meios que melhor estabelece a relação de Deus com o seu povo. Por meios dos gestos, símbolos, manifestações, o mistério de Cristo e a realidade humana são bem mais celebrados e vividos pela comunidade reunida. Joaquim Fonseca afirma que:

A melodia é a alma do canto. Quanto mais estiver ligada ao conteúdo teológico-litúrgico do texto, melhor levará a assembleia à interiorização, à compulsão, à alegria e ao louvor (FONSECA, 2004, p.11).

A música, enquanto realidade humana está intrinsecamente presente nas ações diárias, na linguagem e expressões, atingindo o mais profundo do ser, enquanto experiência sensível e apreensiva, levando a uma espécie de “nirvana” primordial de inteligibilidade daquilo que é transmitido. Xavier Zubiri, filósofo espanhol, declara que “o sentir humano é um sentir intelectual, é radicalmente impressão de realidade, é algo dado fisicamente” (cf. ZUBIRI, 2011, p.25). A música litúrgica tem esse papel de unir o sentir e o inteligir, por meio da letra e melodia, à realidade do mistério celebrado. Em outras palavras, atualiza-nos com o que a celebra, desde a primeira apreensão feita. Essa apreensão consiste no fato de que estou me dando conta de que algo está presente (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 227).

É sabido que a música faz parte da vida das pessoas, as quais buscam por meio dela transmitir realidades que são apreendidas sencientemente. Segundo Tame:

O corpo é afetado de acordo com a natureza da música, cujas vibrações incidem sobre ele – constatação muito real e física do aforismo como na música, assim na vida! Acordes consonantes e dissonantes, intervalos diferentes e outras características da música exercem todos um profundo efeito sobre o pulso e a respiração do homem – sobre a sua velocidade e a regularidade ou irregularidade do seu ritmo. A pressão sanguínea é abaixada pelos acordes ininterruptos e elevada pelos acordes secos, repetidos (TAME, 1984, P.147).

O corpo, então, é afetado e toda a realidade humana é tomada pela música, não apenas no lado sensitivo, mas também no intelectual. Na liturgia, o canto e a música tem seu lugar de privilégio como linguagem humana ligada à ação litúrgica. Portanto, “A música e o canto, que expressam a alma de um povo, tem seu lugar privilegiado na liturgia” (cf. CIC 1157). A Igreja com todo o seu ministério fala de como o corpo de Cristo é difundido na liturgia e nos sacramentos (cf. LG 7).

A música e o canto, juntos, comunicam realidades que são apreendidas individualmente e comunitariamente por meio daquilo que está sendo transmitido. É expressão eficaz da fé e da ação do Deus Trindade na vida da Igreja e de seus fiéis, configurando-os a Cristo pela ação do Espírito Santo (cf. Estudos da CNBB 79, n. 347). O canto nasce do mistério pascal do Senhor, de uma utopia marcada pela esperança de libertação (Aliança, ação de graças – AT), mas que se realiza e se plenifica no memorial salvífico de Jesus, nessa tonalidade de cantar a ressurreição e a eternidade (cf. Estudos da CNBB 79, n. 350).

O Concílio Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia, mostra como a música litúrgica é componente fundamental do mistério celebrado nas comunidades, uma vez que a assembleia participante canta unida as maravilhas de Deus pelo conjunto de letra e melodia que dá sentido e razão ao ser Igreja, esposa, que caminha ao encontro do cordeiro, o esposo (cf. SC 112).

2.1 O COMPROMISSO COM A REALIDADE HUMANA

O canto litúrgico, depois do Concílio Vaticano II, ganhou expressão mais presente na realidade do povo, principalmente na do pobre. Esse canto, nascido das comunidades de base e das experiências vividas, expressa a senciência de suas realidades mais profundas. As lutas populares, o querer de libertação, passaram a traduzir, por meio do canto e da música, os sonhos de liberdade e da espera “pela terra que corre leite e mel” (cf. Ex 33,3). O pobre, o desvalido e o marginalizado ganharam seu protagonismo através do canto que falava do direito e da justiça de todos.

Segue, abaixo, duas composições musicais que enriqueceram vigorosamente as liturgias através de suas expressões e enfoque na caminhada libertadora, as quais estão muito bem embasadas na letra. Composições com racionalidade, fundamentadas na Palavra de Deus e interpretadas dentro da realidade do povo.

O povo de Deus²

DR.

1. O povo de Deus no deserto andava,

Mas à sua frente Alguém caminhava.

O povo de Deus era rico de nada,

Só tinha a esperança e o pó da estrada.

Também sou teu povo, Senhor

E estou nessa estrada

Somente a Tua graça me basta e mais nada.

2. O povo de Deus também vacilava;

Às vezes custava a crer no amor.

O povo de Deus, chorando, rezava

Pedia perdão e recomeçava.

Também sou teu povo Senhor,

E estou nessa estrada

Perdoa se às vezes não creio em mais nada.

2 O POVO DE DEUS. In: *Ofício Divino das Comunidades* – Livro de Partituras. São Paulo: Paulus, Vol. 2, 1. ed., 2005, p. 250.

3. O povo de Deus também teve fome
E Tu lhe mandaste o pão lá do céu.
O povo de Deus, cantando deu graças;
Louvou Teu amor, Teu amor que não passa.

Também sou teu povo Senhor,

E estou nessa estrada.

Tu és alimento na longa jornada.

4. O povo de Deus ao longe avistou
A terra querida que o amor preparou.
O povo de Deus corria e cantava
E nos seus louvores Teu poder proclamava.

Também sou teu povo Senhor

E estou nessa estrada,

Cada dia mais perto da terra esperada.

O canto supracitado traduz a experiência de uma Igreja que marcha silenciosamente para a terra prometida e que, de repente, torna-se sinal profético, por meio do episcopado calado e tímido, na luta pela liberdade, pela justiça e pela defesa dos pobres latino-americanos (cf. CODINA, 2018, p 32). O canto não deixa de assinalar o mistério contido na liturgia, pois constitui parte integrante e necessária quando unida à ação litúrgica (cf. SC 112). A sua letra traduz essencialmente o desejo da libertação e da confiança em Deus, mergulhados na fé e na justiça.

A segunda canção, além de fazer a correlação da Palavra de Deus e da vida, elucida, por meio das metáforas bíblicas, elementos de uma Igreja que aspira ser libertadora e que é a favor dos pobres.

Eu acredito³

Jorge Pereira Lima (Poço Verde-SE)

***Eu acredito que o mundo será melhor quando o
menor que padece acreditar no menor.***

3 Ibid., p. 304.

1. Quando os pequenos acreditarem no seu bem estar comum,
sentindo as necessidades que padecem cada um,
unidos em Jesus Cristo, nós todos seremos um.

Jesus Cristo veio à Terra para ver seu povo unido

Disse até que cada grupo que luta em si dividido

Com muita facilidade, ele será destruído.

2. Certo dia um jovem rico a Jesus apareceu

Perguntando o que fazer para entrar no reino seu

Jesus pede a caridade: o rapaz entristeceu

Quem possui noventa e nove, só pensa em completar cem

Nesta cegueira não sabe que depois a morte vem

Seu corpo se vira em terra e na Terra deixa o que tem

3. Certo homem colheu tanto que seu armazém encheu,

pensou que estava seguro: na mesma noite morreu.

Levaram só ele à cova: ficou tudo o que era seu.

Só confiar em dinheiro é loucura e vaidade.

Porque Cristo é nossa vida, o caminho e a verdade.

Quem pensa o contrário disso, nunca terá liberdade.

A Conferência de Medellín e de Puebla, conduzida pelas propostas da ação litúrgica do Concílio, compreenderam basicamente e, por meio de suas ações pastorais, a riqueza do canto como uma expressão que pode deslocá-las para uma nova realidade (cf. FOWLER, 2016, p. 216). Tais canções favorecem um adentrar na história e anseios do povo, em especial na realidade marcada pela luta e esperança de libertação. Não obstante, o canto litúrgico que interpela o homem, não pode reduzir-se a mera expressão de uma realidade humana frequentemente unilateral ou marcada pelo pecado (cf. Med. 9,7).

As CEB's, e diversas pastorais sociais, tiveram um papel crucial como expressão litúrgica de uma vivência mais personalizante da fé e uma prática mais livre, viva e ajustadas às realidades diárias, tornando-se "sacramento histórico" da salvação (cf. BUYST, 2012, p. 26). Como forma de inserir a liturgia na realidade do povo, o Ofício Divino das Comunidades (ODC) nasceu da enculturação da Liturgia das Horas no Brasil como meio das pessoas mais

simples cantarem as maravilhas de Deus (cf. FONSECA, 2004, p. 65). Sobre o Ofício Divino das Comunidades, discorre Joaquim Fonseca:

Nesse Ofício popular, a música é um elemento indispensável. Esta, na sua maioria, advém das vertentes mais genuínas do “canto do chão brasileiro”: folias, benditos, incelências, cheganças, batuques, contradanças etc. A partir do instante em que vamos percorrendo cada “tema” dessa “sinfonia de louvor” (abertura, hino, salmos e cânticos bíblicos, refrãos, respostas às preces...), somos tomados pela ação do Espírito Santo, que nos transforma em verdadeiros “instrumentos sonoros” de onde ressoam o canto dos “ressuscitados em Cristo” (FONSECA, 2004, p. 65).

CONCLUSÃO

Sendo assim, o canto litúrgico e as demais expressões litúrgicas interpretaram o bom sentido desse compromisso com a realidade humana,

“através de uma sólida identidade eclesial latino-americana, como é a opção pelos pobres, direta, simples, sem adjetivos; a opção pela libertação, na linha da promoção humana ou libertação integral, a opção pelas comunidades eclesiais de base; a opção pela centralidade da justiça social; e a opção por uma Igreja profética” (ROSALES, 2018, 46, tradução nossa).

De Medellín a Puebla, a Igreja latino-americana fecundou no coração do seu povo o grito pelo direito e a justiça, na busca pela libertação da avassaladora sociedade que oprime, rouba e mata. O canto entoado nas comunidades foi e deve continuar sendo o canto da luta e da vitória, do pobre marginalizado que tem voz e vez no reino de Deus e dos viandantes que, esperançosos, **a uma só voz a liberdade irão cantar** (NASCIMENTO, 2005, p. 242).

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Do reflexo à fonte: as Conferências Gerais e a consciência continental latino-americana. In: BRIGUENTI, Agenor; PASSOS, João Décio, (ORG). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2018.

BUYST, Ione. Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina: avanços e desafios. In: FAVRETTO, Clair & RAMPON, Ivanir Antonio (Org.). *Eu Sou Aquele Que Sou: uma homenagem aos 25 anos do Instituto de Teologia e Pastoral – Passo Fundo: Berthier*, 2008, p. 38-76. Para a América Latina, veja principalmente pp. 52-76 – Texto publicado também em TEAR Online, Vol. 1, n. 1 (2012), p. 16-39. Disponível em: <http://est.tempsite.ws//periodicos/index.php/tear>. Acesso em 11 nov. 2018.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Edição revisada de acordo com o texto oficial em Latim*. 9. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, Paulinas, Ave Maria, Paulus, 1998.

CODINA, V. Medellín en su contexto eclesial. *Espaços – Revista de Teologia e Cultura do Instituto São Paulo de Estudos Superiores*, São Paulo, Edição 2018 – 26/01, p. 23-33.

CONCILIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. Lourenço Costa (org.). São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-86.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do Celam – Conselho das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.

CNBB. *A música litúrgica no Brasil – Estudo 79*. São Paulo: Paulus, 1999.

FONSECA, Joaquim. *Cantando a missa e o ofício divino*. São Paulo: Paulus, 2004.

NASCIMENTO, Vera Lúcia. Axé (Irá Chegar). In: *Ofício Divino das Comunidades – Livro de Partituras*. São Paulo: Paulus, Vol. 2, 1. ed., 2005.

PADIN, Dom Cândido, OSB; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín-1968 – Texto Oficial*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ROSALES C, R. *Los Documentos de Medellín. Análisis literário de un texto teológico-profético*. *Espaços – Revista de Teologia e Cultura do Instituto São Paulo de Estudos Superiores*, São Paulo, Edição 2018 – 26/01, p. 46.

TAME, David. *O poder oculto da música – A transformação do homem pela energia da música*. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

TEJADA, José Fernández; CHERUBIN, Felipe. *O que é a inteligência? – filosofia da Realidade em Xavier Zubiri*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2016.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.